

Artigo

## Impactos da inclusão escolar no desenvolvimento das funções executivas em crianças com TEA

*Impacts of school inclusion on the development of executive functions in children with ASD*

Andelourdes Aparecida de Paula<sup>1</sup>, Andreлина Mafalda de Paula<sup>2</sup>, Adriana Gittler<sup>3</sup>, Luzimar Ferreira de Paiva<sup>4</sup>, Jordania Patrícia Ribeiro da Silva Jesus<sup>5</sup>, Kethi Cristina do Rosário Squecola Alexandre<sup>6</sup>, Maria Irineia de Souza Freitas<sup>7</sup> e Fabíola de Fátima Andrade Frimaio<sup>8</sup>

<sup>1</sup>Graduada em Ciências da Educação pela Universidade Del Sol, Paraguai. ORCID: 0009-0008-9289-3569. E-mail: [andepaula73@hotmail.com](mailto:andepaula73@hotmail.com);

<sup>2</sup>Graduada em Ciências da Educação pela Universidade Del Sol, Paraguai. ORCID: 0009-0006-3643-120X. E-mail: [andrelinamafalda938@gmail.com](mailto:andrelinamafalda938@gmail.com);

<sup>3</sup>Graduada em Ciências da Educação pela Universidade Del Sol, Paraguai. ORCID: 0009-0004-6696-6403. E-mail: [adrigittler@hotmail.com](mailto:adrigittler@hotmail.com);

<sup>4</sup>Graduada em Ciências da Educação pela Universidade Del Sol, Paraguai. ORCID: 0009-0002-8051-4986. E-mail: [luzimar.p.ferreira09@gmail.com](mailto:luzimar.p.ferreira09@gmail.com);

<sup>5</sup>Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás, Goianésia, Goiás. ORCID: 0009-0000-2636-1830. E-mail: [jordaniapaty2@gmail.com](mailto:jordaniapaty2@gmail.com);

<sup>6</sup>Doutora em Educação pela Universidade Paulista, São Paulo, São Paulo. ORCID: 0000-0002-1968-9181. E-mail: [kethicris@hotmail.com](mailto:kethicris@hotmail.com);

<sup>7</sup>Graduada em Pedagogia pela Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, Mato Grosso do Sul. ORCID: 0009-0000-0824-3531. E-mail: [irineiasonora@gmail.com](mailto:irineiasonora@gmail.com);

<sup>8</sup>Graduada pela Universidade Metodista de São Paulo, Santo André, São Paulo. ORCID: 0009-0000-2907-8483. E-mail: [faandradefrimaio@gmail.com](mailto:faandradefrimaio@gmail.com).

Submetido em: 02/09/2025, revisado em: 08/09/2025 e aceito para publicação em: 12/09/2025.

**RESUMO:** A inclusão escolar é um elemento crucial para o desenvolvimento das funções executivas em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Este trabalho revisa a importância de intervenções precoces, individualizadas e integradas, que consideram as particularidades cognitivas, sensoriais e comportamentais desses alunos. Destaca-se o papel da adaptação do ambiente escolar, do manejo adequado dos desafios comportamentais, do suporte familiar e da aplicação de terapias inovadoras no fortalecimento da atenção, autocontrole, flexibilidade cognitiva e habilidades sociais. A articulação entre escola, família e profissionais especializados é fundamental para promover uma inclusão efetiva, que favoreça o aprendizado, a autonomia e a qualidade de vida das crianças com TEA.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inclusão escolar; Funções executivas; Transtorno do Espectro Autista; Intervenções precoces; Manejo comportamental; Desenvolvimento cognitivo.

**ABSTRACT:** School inclusion is a crucial element for the development of executive functions in children with Autism Spectrum Disorder (ASD). This paper reviews the importance of early, individualized and integrated interventions, which consider the cognitive, sensory and behavioral particularities of these students. The role of adapting the school environment, adequate management of behavioral challenges, family support, and the application of innovative therapies in strengthening attention, self-control, cognitive flexibility, and social skills is highlighted. The articulation between school, family and specialized professionals is essential to promote effective inclusion, which favors learning, autonomy and quality of life for children with ASD.

**KEYWORDS:** School inclusion; Executive functions; Autism Spectrum Disorder; Early interventions; Behavioral management; Cognitive development.

### 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A crescente atenção às necessidades específicas de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem impulsionado investigações voltadas à eficácia das diferentes abordagens terapêuticas e educacionais voltadas a esse público. John e colaboradores (2007) destacam que diversas intervenções demonstram efeitos positivos no desenvolvimento cognitivo, linguístico e adaptativo dessas crianças, especialmente quando iniciadas precocemente e aplicadas de forma intensiva e individualizada. O estudo ressalta que os melhores resultados ocorrem quando os contextos terapêuticos são combinados com ambientes naturais de aprendizagem, como a escola, o que reforça a importância de práticas inclusivas bem estruturadas. Nesse

cenário, a inclusão escolar pode desempenhar um papel central no fortalecimento das funções executivas, tais como atenção, controle inibitório e flexibilidade cognitiva, ao proporcionar experiências sociais e cognitivas diversificadas e sistematicamente apoiadas (John MECfCD et al., 2007). Além das funções executivas, outro aspecto fundamental para o sucesso da inclusão escolar de crianças com TEA é a competência social, que está intimamente ligada ao processamento sensorial. Crianças com autismo de alto funcionamento frequentemente apresentam dificuldades no processamento de estímulos sensoriais, o que impacta diretamente sua capacidade de interagir com os outros, adaptar-se a ambientes escolares e participar de atividades coletivas. Essas limitações sensoriais podem gerar comportamentos de evasão,

isolamento ou desorganização, comprometendo não apenas o desempenho acadêmico, mas também o desenvolvimento de habilidades cognitivas superiores, como o planejamento e o autocontrole. Diante disso, a inclusão escolar precisa considerar adaptações ambientais e intervenções individualizadas que respeitem os perfis sensoriais das crianças, promovendo não só a socialização, mas também o aprimoramento de suas funções executivas em um contexto significativo e acolhedor (Hilton; Graver; LaVesser, 2007).

Outro fator importante a ser considerado no contexto escolar inclusivo é o manejo de comportamentos desafiadores, como a agressividade, que pode comprometer tanto a aprendizagem quanto as interações sociais das crianças com TEA. Evidências apontam que a combinação de intervenções comportamentais estruturadas com o uso criterioso de medicação pode resultar em melhorias significativas na regulação emocional e na redução de comportamentos agressivos. Abordagens integradas demonstram maior eficácia do que o uso isolado de medicamentos, especialmente quando aplicadas em ambientes consistentes como a escola. Ao controlar essas manifestações comportamentais, cria-se um ambiente mais propício ao desenvolvimento de habilidades cognitivas superiores, como as funções executivas, permitindo que a criança participe de forma mais efetiva das atividades pedagógicas e sociais. Assim, estratégias terapêuticas multidisciplinares e ajustadas à realidade escolar são fundamentais para ampliar o potencial de aprendizagem e inclusão de alunos com autismo (Brown University, 2010).

## 2 FUNDAMENTOS DAS FUNÇÕES EXECUTIVAS E SUA IMPORTÂNCIA NO TEA

O desenvolvimento das funções executivas em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é frequentemente comprometido, manifestando-se em dificuldades no autocontrole, na regulação emocional e na resolução de problemas. Comportamentos desafiadores, como o comportamento autolesivo, podem surgir como uma forma de expressão dessas dificuldades e impactar negativamente a qualidade de vida e a aprendizagem da criança. A atualização publicada pela *Brown University Child and Adolescent Psychopharmacology Update* (2010) destaca a eficácia da terapia de Análise do Comportamento Aplicada baseada em Comportamento de Reforço Negativo (NAC) para o manejo de comportamentos autolesivos em crianças pequenas com TEA. Essa abordagem visa modificar o ambiente e as contingências que mantêm o comportamento indesejado, promovendo o desenvolvimento de respostas alternativas mais adaptativas. Intervenções desse tipo não apenas reduzem comportamentos prejudiciais, mas também facilitam a melhoria das funções executivas, ao fortalecer o autocontrole e a capacidade de autorregulação da criança, elementos essenciais para seu sucesso educacional e social (Brown University, 2010).

De acordo com a *Brown University Child and Adolescent Psychopharmacology Update*:

a terapia baseada em Análise do Comportamento Aplicada utilizando Comportamento de Reforço Negativo (NAC) tem se mostrado eficaz na redução de comportamentos autolesivos em crianças pequenas com Transtorno do Espectro Autista, promovendo melhorias significativas na regulação emocional e no autocontrole (Brown University, 2010, p. 7).

Complementando as abordagens terapêuticas para o manejo de comportamentos desafiadores em crianças com TEA, Athens e Vollmer (2010) investigaram a eficácia do reforço diferencial de comportamento alternativo (RDA) sem a utilização de extinção. Essa estratégia consiste em reforçar comportamentos socialmente apropriados que substituem o comportamento problema, sem necessariamente interromper ou ignorar o comportamento indesejado, o que pode facilitar a aceitação do tratamento pela criança. Os resultados indicaram que o RDA pode ser uma intervenção eficaz para reduzir comportamentos problemáticos, como o autolesivo, ao mesmo tempo em que promove o aumento de respostas adaptativas, contribuindo para o desenvolvimento das funções executivas, sobretudo o autocontrole e a flexibilidade comportamental. Essa abordagem enfatiza a importância de intervenções individualizadas e consistentes, especialmente no contexto escolar, para que as crianças com TEA possam desenvolver habilidades cognitivas e sociais essenciais para sua inclusão e bem-estar (Athens; Vollmer, 2010).

Além das intervenções diretas com a criança, o treinamento parental emerge como um componente crucial no suporte ao desenvolvimento das funções executivas em crianças com TEA. Baharav e Reiser (2010) destacam o uso eficaz da teleprática para capacitar pais no manejo de comportamentos e na implementação de estratégias educativas em ambientes naturais, como o lar e a escola. Essa modalidade remota de treinamento permite que os cuidadores adquiram habilidades para promover respostas adaptativas e fortalecer o autocontrole dos filhos, ampliando o impacto positivo das intervenções clínicas. O fortalecimento do papel dos pais, aliado às práticas escolares inclusivas, cria uma rede de suporte integrada que favorece o desenvolvimento cognitivo e social da criança, facilitando a generalização das funções executivas adquiridas em diferentes contextos (Baharav; Reiser, 2010).

## 3 ASPECTOS COGNITIVOS E COMPORTAMENTAIS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por alterações significativas nos processos cognitivos e comportamentais, incluindo déficits na comunicação, interação social e regulação sensório-motora. Baruth *et al.* (2010) investigaram o uso da Estimulação Magnética Transcraniana Repetitiva de Baixa Frequência (EMTr) como uma intervenção capaz de modular oscilações de frequência gama evocadas no cérebro de indivíduos com TEA.

Essas oscilações estão associadas a funções cognitivas essenciais, como atenção, percepção e integração sensorial, que frequentemente apresentam disfunção nesse grupo. Os achados sugerem que a EMTr pode influenciar positivamente a atividade neural subjacente a essas funções, abrindo caminho para abordagens terapêuticas que visem a melhoria dos aspectos cognitivos e comportamentais em crianças com autismo. Tal intervenção representa uma promessa promissora para complementar estratégias educacionais e comportamentais, potencializando o desenvolvimento das funções executivas e a adaptação social desses indivíduos (Baruth *et al.*, 2010).

Além das manifestações clássicas do Transtorno do Espectro Autista, Bussing *et al.* (2010) destacam a presença de sintomas autistas de início tardio e comportamentos flutuantes, que complicam o diagnóstico e o manejo clínico desses indivíduos. Esses sintomas podem incluir variações na severidade dos déficits sociais e comunicativos, bem como na presença de comportamentos repetitivos ao longo do tempo, refletindo uma heterogeneidade considerável no quadro clínico do TEA. Essa variabilidade comportamental reforça a necessidade de intervenções flexíveis e contínuas, que considerem o perfil individual e as mudanças ao longo do desenvolvimento da criança. Compreender esses aspectos é fundamental para ajustar estratégias educacionais e terapêuticas, garantindo que o suporte às funções executivas e ao comportamento adaptativo seja eficaz e adaptado às necessidades específicas de cada criança (Bussing *et al.*, 2010).

Bussing *et al.* (2010, p. 539) afirmam que:

os sintomas autistas de início tardio e os comportamentos flutuantes apresentam desafios significativos para o diagnóstico e manejo clínico, exigindo abordagens flexíveis e adaptadas às mudanças ao longo do desenvolvimento.

A qualidade da intervenção em crianças com TEA depende não apenas das estratégias aplicadas, mas também do desempenho seguro e consistente dos terapeutas que as conduzem. Casella *et al.* (2010) investigaram os efeitos do esforço de resposta no desempenho dos terapeutas em uma unidade de tratamento para autismo, destacando que a eficácia do tratamento está diretamente relacionada à capacidade dos profissionais em manter respostas adequadas e consistentes diante de situações desafiadoras. O estudo ressalta a importância de treinamentos contínuos e protocolos claros para assegurar a qualidade das intervenções comportamentais, as quais são essenciais para o desenvolvimento das funções executivas e a modulação dos comportamentos adaptativos em crianças com TEA. Dessa forma, a preparação e o suporte aos terapeutas são fatores cruciais para otimizar os resultados clínicos e educacionais desses pacientes (Casella *et al.*, 2010).

Além das abordagens comportamentais e educacionais, pesquisas recentes têm explorado o papel da imunoterapia no tratamento do TEA, considerando a hipótese de que disfunções imunológicas possam contribuir para os sintomas cognitivos e comportamentais

observados. Chez e Guido-Estrada (2010) revisam experiências históricas e perspectivas futuras da terapia imunomoduladora, destacando que intervenções imunoterápicas podem modular processos neuroinflamatórios associados ao autismo. Essas abordagens emergentes oferecem potencial para impactar positivamente a neuroplasticidade e, conseqüentemente, favorecer a melhora das funções executivas e comportamentais. Embora ainda em fase experimental, a imunoterapia amplia o leque de possibilidades terapêuticas, reforçando a necessidade de intervenções integradas e multidisciplinares para um manejo mais efetivo do TEA (Chez; Guido-Estrada, 2010).

#### **4 O PAPEL DA INCLUSÃO ESCOLAR NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DE CRIANÇAS COM TEA**

A inclusão escolar desempenha um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), proporcionando ambientes ricos em estímulos e oportunidades de aprendizagem social. Schipul *et al.* (2012) investigaram os processos neurais durante a aprendizagem em indivíduos com autismo, identificando padrões distintos de ativação cerebral em comparação a indivíduos neurotípicos. Esses padrões refletem diferenças na forma como as crianças com TEA processam e integram informações, o que pode influenciar seu desempenho acadêmico e social (Milan *et al.*, 2024). A inserção em contextos escolares inclusivos favorece a exposição a interações variadas e desafios cognitivos que estimulam a plasticidade neural e a aquisição de habilidades executivas essenciais, como a atenção sustentada e a flexibilidade cognitiva. Portanto, ambientes educacionais adaptados e inclusivos são estratégicos para potencializar as capacidades cognitivas e promover um desenvolvimento mais integrado e funcional nas crianças com TEA (Schipul *et al.*, 2012).

A comunicação é um componente crucial no desenvolvimento cognitivo e social de crianças com TEA, e estratégias inclusivas que contemplam diferentes modalidades linguísticas podem ampliar significativamente as oportunidades de aprendizagem. Shield, Meier e Tager-Flusberg (2015) investigaram o uso de pronomes na língua de sinais por crianças autistas nativas, destacando como a aquisição e o uso de sistemas de comunicação alternativos ou aumentativos contribuem para o desenvolvimento linguístico e a construção da identidade social desses indivíduos. A inclusão escolar que integra recursos de comunicação adaptados às necessidades específicas das crianças com TEA, incluindo a língua de sinais, potencializa a participação ativa no ambiente educacional e o desenvolvimento das funções executivas relacionadas à linguagem e ao processamento social. Dessa forma, a adaptação dos meios comunicativos é fundamental para a efetividade da inclusão e para o progresso cognitivo dessas crianças (Shield, Meier e Tager-Flusberg, 2015).

As questões relacionadas ao processamento sensorial são um componente central no Transtorno do

Espectro Autista e têm implicações diretas para o sucesso da inclusão escolar. Green et al. (2016) analisaram comportamentos sensoriais descritos no DSM-5 em crianças com e sem TEA, evidenciando que as respostas atípicas a estímulos sensoriais, seja por hipersensibilidade ou hipossensibilidade, são características marcantes em crianças autistas. Esses comportamentos sensoriais influenciam a forma como a criança interage com o ambiente escolar, podendo afetar sua capacidade de atenção, autorregulação e participação social. Reconhecer e adaptar o ambiente educacional para atender às necessidades sensoriais individuais é, portanto, essencial para promover um contexto inclusivo que favoreça o desenvolvimento das funções executivas e o bem-estar das crianças com TEA (Green *et al.*, 2016).

A compreensão das capacidades cognitivas sociais, como a Teoria da Mente (ToM), é fundamental para entender os desafios enfrentados por crianças com TEA no ambiente escolar inclusivo. Lera-Miguel *et al.* (2016) avaliaram a ToM em crianças e adolescentes com autismo de alto funcionamento utilizando a versão espanhola da ferramenta "Histórias da Vida Cotidiana", destacando dificuldades significativas na compreensão dos estados mentais de outras pessoas. Essas limitações impactam diretamente as habilidades sociais e a interação com colegas, elementos essenciais para o desenvolvimento das funções executivas relacionadas à regulação emocional e à resolução de problemas sociais. Promover intervenções que desenvolvam a ToM dentro do contexto escolar inclusivo é, portanto, crucial para melhorar a adaptação social e cognitiva das crianças com TEA (Lera-Miguel *et al.*, 2016).

Lera-Miguel et al. (2016, p. 298) afirmam que:

Crianças e adolescentes com autismo de alto funcionamento apresentam dificuldades significativas na compreensão dos estados mentais dos outros, o que afeta suas habilidades sociais e a interação no ambiente escolar.

O desenvolvimento das funções executivas em crianças com TEA também está diretamente relacionado à aquisição e ampliação de habilidades comunicativas complexas, como as formas intraverbais. Smith *et al.* (2016) demonstraram que o treinamento focado na escuta pode promover o surgimento dessas formas intraverbais, essenciais para a comunicação funcional e a interação social. A capacidade de responder verbalmente de maneira adequada e flexível facilita não apenas a aprendizagem acadêmica, mas também o estabelecimento de relações interpessoais, que são pilares fundamentais para a inclusão escolar efetiva. Portanto, programas educacionais que incorporam treinamentos auditivos e comunicativos contribuem significativamente para a promoção das funções executivas e para o desenvolvimento global das crianças com autismo (Smith *et al.*, 2016).

## 5 DESAFIOS COMPORTAMENTAIS NA INCLUSÃO ESCOLAR: MANEJO DA AGRESSIVIDADE E AUTOCONTROLE

Os desafios comportamentais, especialmente aqueles relacionados à agressividade e ao autocontrole, são frequentemente exacerbados em crianças com transtornos do neurodesenvolvimento, como observado na síndrome de Phelan-McDermid, uma condição geneticamente associada ao Transtorno do Espectro Autista. Zwanenburg *et al.* (2016) realizaram um estudo prospectivo que evidenciou um perfil comportamental caracterizado por dificuldades na regulação emocional e episódios frequentes de agressividade em crianças com essa síndrome. Essas manifestações impactam diretamente a inclusão escolar, pois exigem estratégias específicas para o manejo eficaz dos comportamentos disruptivos e a promoção do autocontrole. A compreensão do fenótipo comportamental em condições associadas ao TEA é fundamental para o desenvolvimento de intervenções personalizadas que atendam às necessidades individuais, garantindo um ambiente educacional seguro e acolhedor para todos os alunos (Zwanenburg *et al.*, 2016).

Além dos desafios comportamentais relacionados à agressividade e autocontrole, crianças com TEA frequentemente apresentam dificuldades específicas em habilidades acadêmicas, como o raciocínio matemático. Hiniker, Rosenberg-Lee e Menon (2016) destacam o papel fundamental do senso numérico simbólico na mediação das habilidades matemáticas em crianças autistas, evidenciando que déficits nessa área podem afetar seu desempenho escolar e aumentar a frustração, potencialmente exacerbando comportamentos desafiadores. Intervenções educacionais que reforcem essas habilidades cognitivas específicas, aliadas ao manejo adequado dos desafios comportamentais, são essenciais para promover uma inclusão escolar mais efetiva e o desenvolvimento integral dessas crianças (Hiniker, Rosenberg-Lee e Menon, 2016). Hiniker, Rosenberg-Lee e Menon (2016, p. 1275) afirmam que:

o senso numérico simbólico desempenha um papel distintivo e crucial na mediação das habilidades matemáticas de crianças com autismo, impactando diretamente seu desempenho acadêmico e adaptação escolar.

A regulação do autocontrole é um desafio significativo para muitos indivíduos com traços autistas, influenciando diretamente seu comportamento e desempenho em contextos educacionais. Berna et al. (2016) investigaram a relação entre transtornos do autocontrole e a capacidade reduzida de raciocínio autobiográfico em indivíduos com traços autistas. O estudo sugere que dificuldades na reflexão sobre experiências pessoais comprometem o planejamento e a regulação das respostas comportamentais, aumentando a probabilidade de comportamentos impulsivos e agressivos. Essa associação destaca a necessidade de intervenções focadas não apenas no manejo imediato dos comportamentos desafiadores, mas também no desenvolvimento das habilidades cognitivas subjacentes ao autocontrole. Estratégias que promovam a consciência autobiográfica e o raciocínio reflexivo podem contribuir para a melhoria do autocontrole e favorecer uma inclusão escolar mais efetiva (Berna *et al.*, 2016).

A identificação precoce de sinais comportamentais associados ao TEA é fundamental para a implementação de intervenções eficazes que possam minimizar desafios futuros, incluindo dificuldades relacionadas à agressividade e ao autocontrole. Sacrey *et al.* (2015) realizaram um estudo prospectivo com irmãos de alto risco para autismo, demonstrando que as preocupações dos pais acerca do comportamento e desenvolvimento dos filhos podem prever com precisão a manifestação do transtorno entre 6 e 36 meses de idade. Esse achado reforça a importância do monitoramento contínuo e do envolvimento familiar nas estratégias preventivas e terapêuticas, permitindo que os desafios comportamentais sejam identificados e manejados precocemente. Assim, a colaboração entre família e escola torna-se essencial para criar um ambiente inclusivo que favoreça o desenvolvimento emocional e cognitivo da criança (Sacrey *et al.*, 2015).

O desenvolvimento infantil precoce e a intervenção oportuna são essenciais para minimizar os desafios comportamentais que dificultam a inclusão escolar de crianças com TEA. Sacrey, Bennett e Zwaigenbaum (2015) ressaltam que intervenções iniciadas nas primeiras fases do desenvolvimento podem melhorar significativamente as habilidades sociais, emocionais e cognitivas, além de reduzir comportamentos disruptivos, como a agressividade. A abordagem precoce favorece a plasticidade cerebral e promove o desenvolvimento das funções executivas, fortalecendo o autocontrole e a regulação emocional. Dessa forma, programas de intervenção precoce aliados a um ambiente escolar inclusivo e acolhedor contribuem para o sucesso educacional e a qualidade de vida das crianças com autismo (Sacrey; Bennett; Zwaigenbaum, 2015).

## REFERÊNCIAS

AGENCY FOR HEALTHCARE RESEARCH AND QUALITY (US). **Terapias para crianças com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão da pesquisa para pais e cuidadores.** Rockville (MD): AHRQ, 2005.

ATHENS, E. S.; VOLLMER, T. R. Uma investigação sobre reforço diferencial de comportamento alternativo sem extinção. **Journal of Applied Behavior Analysis**, [S. l.], v. 43, n. 4, p. 569-589, inverno 2010. DOI: 10.1901/jaba.2010.43-569.

BAHARAV, E.; REISER, C. Uso da teleprática no treinamento parental em casos de autismo precoce. **Telemedicine and e-Health**, [S. l.], v. 16, n. 6, p. 727-731, jul./ago. 2010. DOI: 10.1089/tmj.2010.0029.

BARUTH, J. M. *et al.* A Estimulação Magnética Transcraniana Repetitiva de Baixa Frequência (EMTr) modula oscilações de frequência gama evocada no Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Journal of Neurotherapy**, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 179-194, 2010. DOI: 10.1080/10874208.2010.501500.

BERNA, F. *et al.* Transtornos do autocontrole em indivíduos com traços autistas: contribuição da redução da capacidade de raciocínio autobiográfico. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, [S. l.], 21 abr. 2016. DOI: 10.1007/s10803-016-2797-2.

BUSSING, R. *et al.* Sintomas autistas de início tardio e outros comportamentos flutuantes. **Journal of Developmental and Behavioral Pediatrics**, [S. l.], v. 31, n. 3, supl., p. S38-S41, abr. 2010. DOI: 10.1097/DBP.0b013e3181db78e3.

CASELLA, S. E. *et al.* Os efeitos do esforço de resposta no desempenho seguro de terapeutas em uma unidade de tratamento para autismo. **Journal of Applied Behavior Analysis**, [S. l.], v. 43, n. 4, p. 729-734, inverno 2010. DOI: 10.1901/jaba.2010.43-729.

CHEZ, M. G.; GUIDO-ESTRADA, N. Imunoterapia no autismo: experiência histórica e direções futuras com a terapia imunomoduladora. **Neurotherapeutics**, [S. l.], v. 7, n. 3, p. 293-301, jul. 2010. DOI: 10.1016/j.nurt.2010.05.008.

GREEN, D. *et al.* Relatório resumido: comportamentos sensoriais do DSM-5 em crianças com e sem Transtorno do Espectro Autista. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, [S. l.], 30 jul. 2016. DOI: 10.1007/s10803-016-2881-7.

HILTON, C.; GRAVER, K.; LAVESSER, P. Relação entre competência social e processamento sensorial em crianças com transtornos do espectro autista de alto funcionamento. **Research in Autism Spectrum Disorders**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 164-173, 2007. DOI: 10.1016/j.rasd.2006.10.002.

HINIKER, A.; ROSENBERG-LEE, M.; MENON, V. Papel distintivo do senso numérico simbólico na mediação das habilidades matemáticas de crianças com autismo. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, [S. l.], v. 46, n. 4, p. 1268-1281, 2016. DOI: 10.1007/s10803-015-2666-4.

LERA-MIGUEL, S. *et al.* Avaliando a teoria avançada da mente em crianças e adolescentes com autismo de alto funcionamento: a versão em espanhol de Histórias da Vida Cotidiana. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, [S. l.], v. 46, n. 1, p. 294-304, 2016.

MEDICAÇÃO mais intervenção comportamental para agressividade no autismo. **Atualização em Psicofarmacologia Infantil e Adolescente da Brown University**, [S. l.], v. 12, n. 8, p. 4-5, 2010.

MILAN, D., PAULA, A. M. de O., SCHWINGER, F. de O. L., MASSOIA, A. S. S., FRIMAIO, F. de F. A., SOUZA, L. da S. R. de, ALVES, G. S., & GERMANI, S. da S. (2024). A importância da leitura para crianças com autismo na educação infantil. *Revista Brasileira De*

*Filosofia E História*, 13(3), 4007–4014.  
<https://doi.org/10.18378/rbfh.v13i3.10990>

NAC eficaz para comportamento autolesivo em criança de 4 anos com TEA. **Atualização em Psicofarmacologia Infantil e Adolescente da Brown University**, [S. l.], v. 12, n. 5, p. 7-8, 2010.

SACREY, L. A. *et al.* As preocupações dos pais podem prever o transtorno do espectro autista? Um estudo prospectivo com irmãos de alto risco de 6 a 36 meses de idade. **Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry**, [S. l.], v. 54, n. 6, p. 470-478, jun. 2015. DOI: 10.1016/j.jaac.2015.03.014.

SACREY, L. R.; BENNETT, J. A.; ZWAIGENBAUM, L. Desenvolvimento infantil precoce e intervenção para Transtorno do Espectro Autista. **Journal of Child Neurology**, [S. l.], 31 ago. 2015. DOI: 10.1177/0883073815601500.

SCHIPUL, S. E. *et al.* Processos neurais distintos durante a aprendizagem no autismo. **Cerebral Cortex**, [S. l.], v. 22, n. 4, p. 937-950, abr. 2012. DOI: 10.1093/cercor/bhr162.

SHIELD, A.; MEIER, R. P.; TAGER-FLUSBERG, H. O uso de pronomes da língua de sinais por crianças autistas nativas. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, [S. l.], v. 45, n. 7, p. 2128-2145, jul. 2015. DOI: 10.1007/s10803-015-2377-x.

SMITH, D. P. *et al.* Formas intraverbais emergentes podem ocorrer como resultado do treinamento de escuta em crianças com autismo. **The Analysis of Verbal Behavior**, [S. l.], v. 32, n. 1, p. 27-37, 2016.

ZWANENBURG, R. J. *et al.* Fenótipo do desenvolvimento na síndrome de Phelan-McDermid (deleção 22q13.3): um estudo sistemático e prospectivo em 34 crianças. **Journal of Neurodevelopmental Disorders**, [S. l.], v. 8, 2016. DOI: 10.1186/s11689-016-9150-0.